



Vista Alegre à beira dos 200 anos de porcelana

Passado e presente juntam-se no complexo da Vista Alegre, em Ílhavo. Na fábrica, o trabalho manual é apoiado por novas tecnologias

A porcelana é caprichosa. Qualquer descuido na execução, na secagem, na vidragem, na cozedura pode comprometer uma peça — ou, nesta fábrica, centenas delas. Adriano retira de oito moldes os componentes que vai, delicadamente, unir na escultura de uma imagem religiosa. Mais à frente, Patrícia está na linha de enchimento automático a dar forma a bules, Anabela controla as peças a caminho do secador numa espécie de bailado que faz “quase de olhos fechados”. No final de tudo isto, um carrinho autónomo controlado por computador transporta as peças para o forno. À beira dos dois séculos de vida, na Vista Alegre alia-se ao trabalho manual, de minúcia e detalhe, o contributo da tecnologia.

“O trabalho das pessoas é para se acrescentar valor. O que não acrescenta valor, temos de arranjar uma solução”, explica Mário Oliveira. Estamos “no branco”, diz, na gíria, o responsável pela manufatura, referindo-se à porcelana que só fica branca, a brilhar, quando sai da segunda e última cozedura, após a vidragem, a 1400 graus: no moderno forno, em túnel, um exército de peças circulam, lentamente, num tapete rolante que vai percorrendo as várias temperaturas, entregando a obra acabada. Talvez aí Mário respire de alívio.

Da fábrica ao museu não é muita a distância. E fazer este caminho é recuar, em passos rápidos, 200 anos. Um regresso ao passado que nos atira para o início da exposição, perante os dois enormes “fornos garrafa”. Construídos em tijolo, eram cheios de peças, empilhadas dentro de gazetes (caixas de material refratário), alimentados a lenha ou carvão em cozeduras de 40 horas alimentadas por nove ou dez operários.

“Toda a gestão das cozeduras era empírica. Os forneiros avaliavam a temperatura que se fazia no interior do forno espreitando por escotilhas, vendo a cor da chama, sabendo de antemão o tempo de cozedura dos materiais. “Ser encarregado ou mestre forneiro era decerto um dos trabalhos mais importantes da empresa”, aponta Filipa Quatorze, a coordenadora do Museu da Vista Alegre.

Uma destas fornalhas funcionou até aos anos 80. Chegaram a ser dez, libertando grossas nuvens de fumo nos céus de Ílhavo. Hoje restam dois fornos, a partir dos quais se ergueu o espaço museológico, contando a história da porcelana através da porcelana, das pessoas e dos artefactos que a rodeiam. A visita começa em 1824, apresentando o fundador, José Ferreira Pinto Basto. As razões por que se fixou neste lugar onde hoje convivem não só a fábrica e o museu, mas também uma capela do século XVII, hotel, lojas e o antigo bairro operário, não ficaram registadas. Filipa Quatorze aponta circunstâncias geográficas: “Era uma zona com água, tradição cerâmica, tinha combustível (madeira), acessos fá-

ceis, expedição pelo porto marítimo e a disponibilidade dos terrenos, que estavam em venda em hasta pública, com uma capela fantástica ao centro que era uma forte marca para a família que a adquirisse.”

No primeiro centenário a fábrica tinha 600 trabalhadores, sensivelmente os mesmos que atualmente dão vida à porcelana. Apesar da modernização, que se intensificou nos últimos anos — a prensagem isostática faz peças planas de forma praticamente autónoma —, há muito trabalho que continua a ser manual. Patrícia está na linha de enchimento de moldes, na “grande olaria”. São vários grandes moldes de gesso, enchidos à pistola e esvaziados 26 minutos depois — o tempo exato de formar as paredes dos bules. Controla este tempo, esvazia o excesso, retira as peças dos moldes e corta o excesso. Há 25 anos que aqui trabalha, os gestos são precisos, seguros e pouco disponíveis para serem travados pela curiosidade dos jornalistas. Já não há segredos no seu trabalho? “Há sempre segredos, minha senhora, estamos sempre a aprender, a trabalhar com elementos naturais.”

Feita a partir de uma mistura de caulino, areias e feldspatos, a porcelana torna-se delicada e branca depois de ser cozida a altas temperaturas. Foi na China que surgiu, nos finais do século XVII, e durante anos foi um segredo bem guardado que

Comemoração do bicentenário até 2025 com exposições e eventos que vão viajar por Portugal e pelo mundo

os europeus tentaram replicar. Em Portugal, foi na Vista Alegre que este fascínio tomou forma. Quando começou a laborar, a fábrica produzia vidro e cristal. Só em 1835 é identificada uma reserva de caulino em Santa Maria da Feira e, após muitos testes, tentativas e erros, começa a produção de porcelana na fábrica de Ílhavo. Para assinalar o bicentenário da Vista Alegre, são várias as iniciativas e edições especiais previstas. As comemorações começam a 2 de janeiro de 2024 e vão prolongar-se até setembro de 2025, e contemplam várias exposições, em Portugal e no estrangeiro — Paris, Milão e São Paulo —, bem como o lançamento de edições especiais, revela Nuno Barra, administrador da Visabeira, grupo que detém a marca. Para já, a empresa convida todos a partilharem as suas histórias com a Vista Alegre, num *site* especial.

A visita à fábrica termina da mesma forma que acaba o percurso dos visitantes do museu: na oficina de pintura. Alinham-se as bancadas de trabalho, com as pintoras a dar cor à porcelana. Várias peças do tabuleiro de xadrez, um dos colecionáveis da Vista Alegre, recebem pinceladas precisas em cores fortes. Outra bancada de trabalho, alguns pássaros que quase parecem reais. Aqui a porcelana deixa de ser branca, mas a cor não lhe apaga a delicadeza. M.A.